ENCONTROS COM JOÃO

LEITURA GUIADA DO EVANGELHO

COM D. JOSÉ ORNELAS CARVALHO

DIOCESE DE SETÚBAL

Escultura de São João. Sacristia da Capela do Seminário de Almada

ENCONTRO 7:

A "HORA" DA GLORIFICAÇÃO. (18,1 – 19,42)

18 DE MARÇO DE 2021

ENCONTROS COM JOÃO

LEITURA GUIADA DO EVANGELHO COM D. JOSÉ ORNELAS CARVALHO

DIOCESE DE SETÚBAL

Escultura de São João. Sacristia da Capela do Seminário de Almada

Cântico: Oração de Santo Inácio

Tomai, Senhor, e recebei
toda a minha liberdade,
a minha memória,
o meu entendimento
e toda a minha vontade,
tudo o que tenho e possuo;
Vós mo destes;
a Vós, Senhor, o restituo.
Tudo é vosso,
disponde de tudo,
à vossa inteira vontade.
Dai-me o vosso amor e graça,
que esta me basta.

PERCURSO NARRATIVO

Percurso anterior

- **Introdução:**

  1,1-18 **Prólogo:** apresentação geral do projeto de Deus, revelado em Jesus.

  1,19-51 **Início do evangelho:** apresentação e Jesus por João Batista; Primeiros discípulos.

- **2,1-12,50** **O livro dos sinais**

  2,1-4,54 **Os primeiros sinais:** Bodas de Caná (2,1-11); Denúncia do templo; Nicodemos (2,12-3,21); Samaritana (4,1-42); Caná, cura do filho de um funcionário real (4,43-54)

  5,1-10,42 **Acolhimento e Rejeição:** Cura de um paralítico (5,1-18); Autoridade de Jesus (5,19-47); O Pão da vida (6,1-71); Crise e Fé dos discípulos (6,60-71).

  7,1-10,42 **Decisão perante Jesus:** Jesus na festa das tendas: A água viva e a promessa do Espírito; A rejeição das autoridades (7,1-52): A mulher adúltera (8,1-11); Novas polémicas: Jesus luz do mundo; A verdadeira liberdade; Jesus e Abraão (8,12-59); Luz e cegueira: Cura de um cego (9,1-41); Jesus Porta e Bom Pastor (10,1-42).

  11,1-12,50 **Os últimos sinais:** O amigo Lázaro e a sua família, Marta e Maria (11,1-46); Decisão de matar Jesus (11,47-57); Unção em Betânia (12,1-11); Entrada messiânica em Jerusalém (12,12-19); Anúncio da “Hora”; Conclusão do livro dos sinais (12,20-50).

- **2,1-12-50** **O Livro da Hora** - A ceia do memorial: Jesus Lava os Pés aos discípulos (13,1-38); Discurso de Jesus (14,1-16,33); Oração solene de Jesus (17,1-26).

Hoje

- ***18,1-19,16a Prisão e condenação de Jesus***
  - 18,1-12 Prisão de Jesus
  - 18,13-27 Jesus perante Anás e Caifás. As negações de Pedro
  - 18,28-40 Entrega a Pilatos
  - 19,1-16 Jesus escarnecido como rei e condenado
- ***19,16b-42 Crucificação e morte e sepultura de Jesus: A Hora da Glorificação***
  - 19,16b-24 Crucifixão de Jesus
  - 19,25-27 Jesus e a nova comunidade: a Mãe e o Discípulo Amado
  - 19,28-30 Jesus morre na cruz
  - 19,31-37 O sangue e a água, dom do Espírito para a humanidade nova
- ***19,38-42 Sepultura de Jesus***

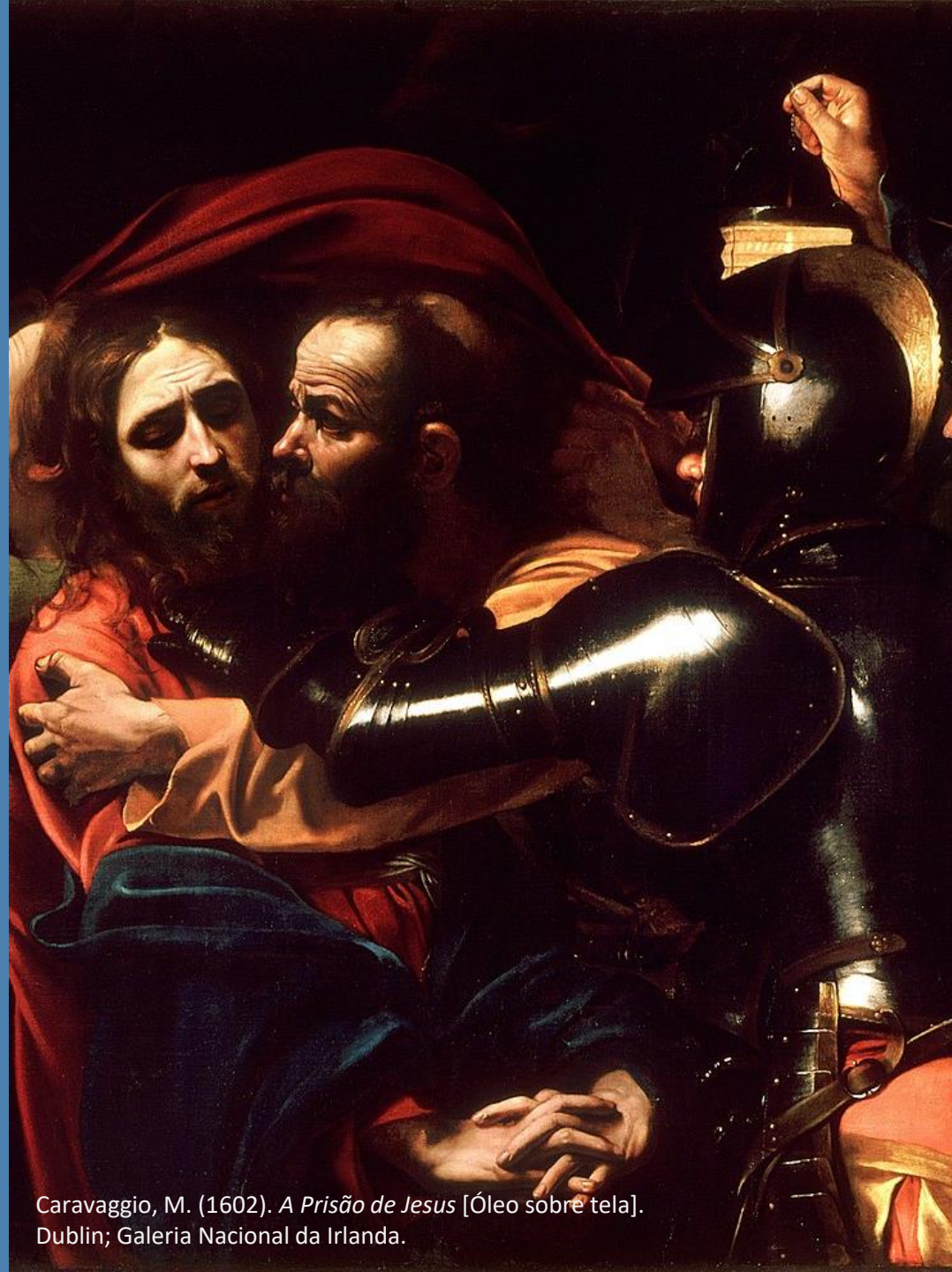
A HORA DA GLORIFICAÇÃO DE JESUS

[18,1-19,42]

PRISÃO DE JESUS

(18,1-12)

1 Tendo dito isto, Jesus saiu com os seus discípulos para o
outro lado da torrente do Cédron, onde havia um jardim, no
qual entraram Ele e os seus discípulos. 2 Também Judas,
aquele que o ia entregar, conhecia o lugar, porque muitas
vezes Jesus se reunira ali com os seus discípulos. 3 Então
Judas, levando a coorte de soldados e os guardas dos chefes
dos sacerdotes e dos fariseus, chegou ali com archotes,
lanternas e armas. 4 Jesus, sabendo tudo o que estava para
lhe acontecer, saiu e disse-lhes: «Quem procurais?». 5 Res-
ponderam-lhe: «Jesus, o Nazareno». Disse-lhes: «Sou eu».
Com eles estava também Judas, o que o ia entregar. 6 Assim
que Jesus lhes disse: «Sou eu», recuaram e caíram por
terra. 7 Então perguntou-lhes de novo: «Quem procurais?».
Eles disseram: «Jesus, o Nazareno». 8 Respondeu Jesus: «Já
vos disse que sou eu. Se é, pois, a mim que procurais, deixai
ir embora estes.» 9 Isto para que se cumprisse a palavra
que dissera: «Daqueles que me deste, não perdi ne-
nhum». 10 Então, Simão Pedro, que tinha uma espada,
desembainhou-a e feriu o servo do sumo-sacerdote e corta-
ndo-lhe a orelha direita. O nome do servo era Malco.
11 Jesus disse a Pedro: «Mete a espada na bainha! O cálice
que o Pai me deu, não o hei de beber?». 12 Então a coorte,
o comandante e os guardas dos judeus apoderaram-se de
Jesus e manietaram-no.



Caravaggio, M. (1602). *A Prisão de Jesus* [Óleo sobre tela]. Dublin; Galeria Nacional da Irlanda.

1 *Tendo dito isto, Jesus saiu com os seus discípulos para o outro lado da torrente*
do Cédron, onde havia um jardim, no qual entraram ele e os seus discípulos. 2 *Também Judas, aquele*
que o ia entregar, conhecia o lugar, porque muitas vezes Jesus se reunira ali com os seus discípulos. 3
Então Judas, levando a coorte de soldados e os guardas dos chefes dos sacerdotes e dos fariseus,
chegou ali com archotes, lanternas e armas.

- Depois da oração ao Pai, Jesus está totalmente à sua disposição para a hora da glorificação, através do dom total da sua vida.

- Nos sinóticos, a oração da entrega de Jesus nas mãos do Pai tem lugar no Jardim das Oliveiras: *"Não se faça o que eu quero, mas o que tu queres"* (Mc 14,26 e par.). João, coloca a oração no contexto da ceia: disponibilidade de Jesus e ligação entre Eucaristia e dom da vida.

- Judas fazia parte deste projeto de Deus. Jesus tinha-lhe dado provas do seu amor, mas ele não os aceitou. Já não é um dos seus discípulos: *"Judas, levando a coorte de soldados e os guardas dos chefes dos sacerdotes e dos fariseus"*: fez a opção pela traição, a violência e a morte.

4 *Jesus, sabendo tudo o que estava para lhe acontecer, saiu e disse-lhes: Quem*
procurais?. 5 *Responderam-lhe: Jesus, o Nazareno. Disse-lhes: SOU EU. Com eles estava também Judas,*
o que o ia entregar. 6 *Assim que Jesus lhes disse: SOU EU, recuaram e caíram por terra.* 7 *Então*
perguntou-lhes de novo: Quem procurais?. Eles disseram: Jesus, o Nazareno. 8 *Respondeu Jesus: já vos*
disse que sou eu. Se é, pois, a mim que procurais, deixai ir embora estes. 9 *Isto para que se cumprisse a*
palavra que dissera: Daqueles que me deste, não perdi nenhum.

- Jesus está bem consciente daquilo que se está a passar e encara livre e voluntariamente o caminho do dom da vida, como Bom Pastor: *"dou a minha vida, para tomá-la de novo. Ninguém ma tira, mas sou eu mesmo que a dou. Tenho poder para a dar e poder para a retomar"* (10,17s). No início da ceia: *"Jesus, sabendo que o Pai tudo lhe colocara nas mãos e que de Deus saíra e para Deus voltava…"* (13,3).

- Por isso sai ao encontro do grupo armado de Judas: *“Saiu e disse-lhes: Quem procurais?”*. A mesma pergunta que Jesus fizera aos primeiros discípulos (1,35). A última menção de Judas indica a sua passagem para o grupo da violência e da morte: *“Com eles estava também Judas”*.

- A resposta de Jesus – *“SOU EU” (“Eu sou”)* – é o nome do Deus de Israel (O Senhor), por isso eles caem por terra.

- Como o Bom Pastor que enfrenta o lobo (cf. 10,11-15), Jesus sai ao encontro do grupo e defende os seus: *“Se é, pois, a mim que procurais, deixai ir embora estes”*. *“Daqueles que me deste, não perdi nenhum”* (17,12).

- Jesus revela-se senhor da situação: vai ser conduzido pelos soldados, mas é ele que escolhe este caminho, para realizar o projeto de amor e vida do Pai.

10 *Então, Simão Pedro, que tinha uma espada, desembainhou-a e feriu o servo do sumo-sacerdote e cortando-lhe a orelha direita. O nome do servo era Malco.* 11 *Jesus disse a Pedro: Mete a espada na bainha! O cálice que o Pai me deu, não o hei de beber?.* 12 *Então a coorte, o comandante e os guardas dos judeus apoderaram-se de Jesus e manietaram-no.*

- Contrariamente a Jesus, Pedro faz um esboço de resistência armada. Manifesta a sua adesão a Jesus, mas incapacidade de entender o seu caminho. Continua na mesma atitude da ceia. O seu devotamento a Jesus ainda está ligado à ideologia de um Messias e um discipulado violentos.

- Jesus mostra o paradoxo da defesa violenta por parte dos seus discípulos: *"Mete a espada na bainha"*. Ele aceita a morte para não entrar no ciclo de violência que tem inquinado a humanidade.

- É esse *“cálice”* (destino, projeto dramático) que o Pai lhe propõe. Deus não quer a morte. Do Pai, apenas vem o amor e a vida. Esta será a demonstração do amor autêntico e total: a vida oferecida, para que outros vivam.

- Então, *“o comandante e os guardas dos judeus apoderaram-se de Jesus e manietaram-no”*. Esta é a hora do *“príncipe do mundo”*. Paradoxalmente, permitirão que se revele o projeto renovador de Deus: absoluta rejeição da violência e afirmação do dom do amor e da vida.

- A rejeição da violência é pedra fundamental para entender os projetos de Deus. A história da violência das autoridades judaicas contra Jesus e, ao longo da história, de cristãos contra os judeus. Hoje o verdadeiro Jesus continua a dizer *“mete a espada na bainha”*.

JESUS PERANTE O TRIBUNAL JUDAICO. AS NEGAÇÕES DE PEDRO

(18,13-27)

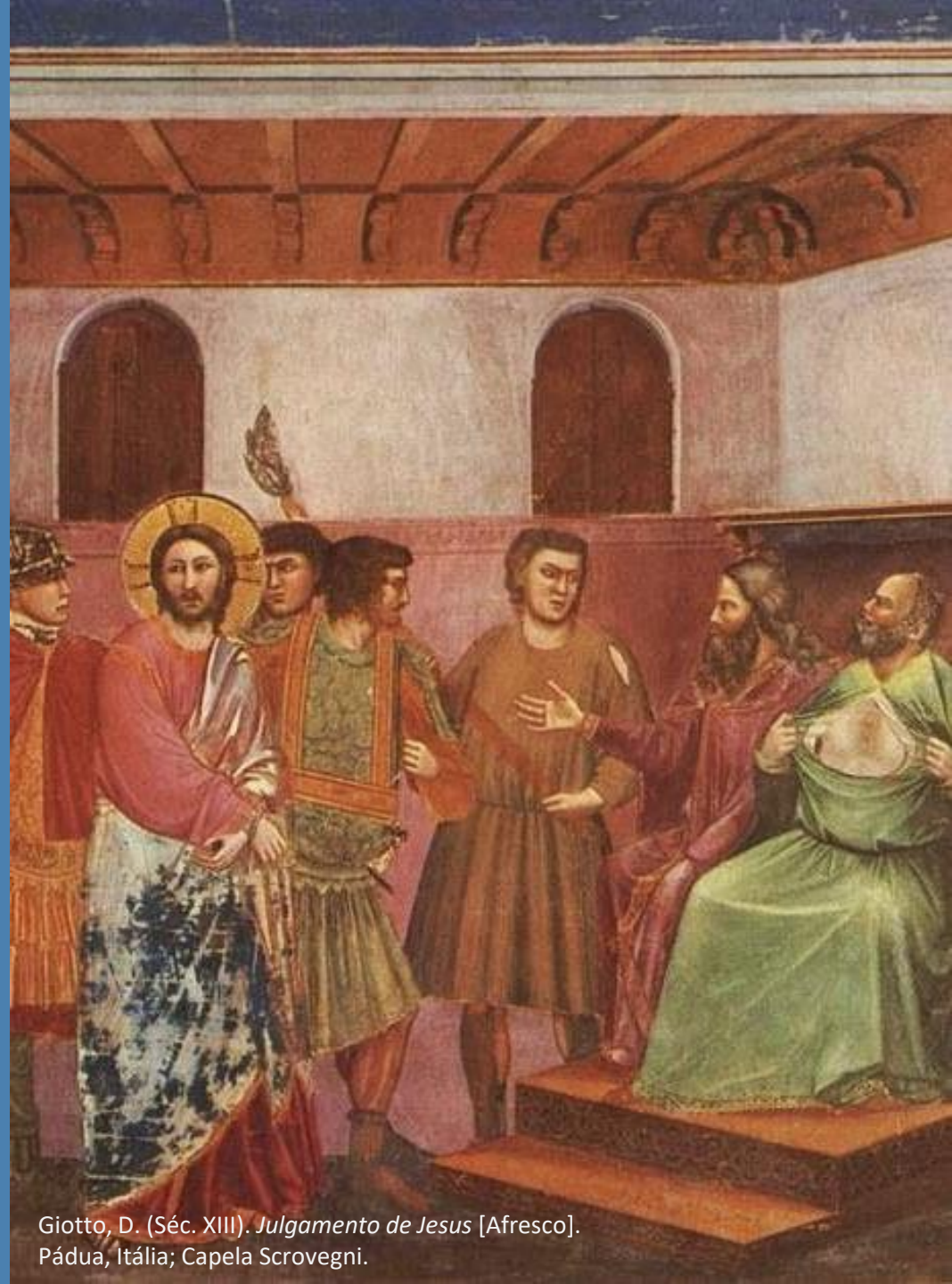
13 *Levaram-no primeiro a Anás, pois era sogro de Caifás, que era o sumo-sacerdote naquele ano.*

14 *Caifás era quem tinha aconselhado aos judeus: «É melhor morrer um só homem pelo povo».*

15 *Simão Pedro seguia Jesus, com outro discípulo. Este discípulo era conhecido do sumo-sacerdote e entrou com Jesus no pátio do sumo-sacerdote;*

16 *Pedro, porém, ficou fora, à porta. O outro discípulo – que era conhecido do sumo-sacerdote – saiu, falou com a porteira e fez Pedro entrar.*

17 *Então, a jovem porteira disse a Pedro: «Tu não és também um dos discípulos desse homem?». Disse ele: «Não sou».* **18** *Os servos e os guardas tinham feito um braseiro e estavam ali, de pé, a aquecer-se, porque estava frio. Pedro ficou também com eles a aquecer-se.* **19** *Entretanto, o sumo-sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e do seu ensinamento.*



Giotto, D. (Séc. XIII). *Julgamento de Jesus* [Afresco]. Pádua, Itália; Capela Scrovegni.

18,13-27 Jesus perante o tribunal judaico. As negações de Pedro.

20 *Respondeu-lhe Jesus: «Eu falei abertamente ao mundo; sempre ensinei na sinagoga e no*
templo, onde se reúnem todos os judeus e nada disse em segredo. **21** *Porque me interrogas?*
Interroga os que ouviram o que lhes disse; vê, eles sabem o que eu disse». **22** *Quando disse isto,*
um dos guardas, que estava ali, deu uma bofetada a Jesus, dizendo: «É assim que respondes ao
sumo-sacerdote?». **23** *Retorquiu-lhe Jesus: «Se falei mal, demonstra onde está o mal; mas, se*
falei bem, porque me bates?». **24** *Então Anás enviou-o manietado a Caifás, o sumo-sacerdote.*

25 *Simão Pedro continuava de pé a aquecer-se. Disseram-lhe então: «Não és, também tu, um*
dos seus discípulos?». Ele negou e disse: «Não sou». **26** *Disse um dos servos do sumo-sacerdote,*
familiar daquele a quem Pedro cortara a orelha: «Não te vi eu no jardim com Ele?». **27** *Pedro*
negou de novo, e logo um galo cantou.

- A narração da comparência de Jesus perante as autoridades judaicas (18,13-26) intercala cenas do interior da casa de Anás; e do pátio exterior, onde Pedro fica a aquecer-se, junto com os soldados.

  Dentro: *Introdução: diante de Anás (18,13-14)*

  Pátio: *Primeira negação de Pedro (18,15-18)*

  Dentro: *Interrogatório de Jesus (18,19-24)*

  Pátio: *Segunda e terceira negação de Pedro (18,25-27)*

- A comparência de Jesus perante Anás não recebe muita importância por parte de João, uma vez que a condenação de Jesus já tinha sido decidida pelo Sinédrio em 11,47-54.

- A prisão de Jesus parece uma operação conjunta das autoridades judaicas e romanas, dado que nela participa uma “coorte” (estrutura do exército romano) e os guardas às ordens dos chefes dos sacerdotes.

Jesus diante de Anás (18, 13-14)

13 *Levaram-no primeiro a Anás, pois era sogro de Caifás, que era o sumo-sacerdote naquele ano.* 14 *Caifás era quem tinha aconselhado aos judeus: É melhor morrer um só homem pelo povo.*

- A citação do conselho de Caifás – *"Não compreendeis que é preferível para vós que morra um só homem pelo povo, e não pereça a nação inteira?"* (cf. 11,50) – dá o tom a toda a narração. A "razão de Estado" para reprimir e eliminar as pessoas incómodas.

- Outro sentido, na linha das profecias: Jesus, o *"Cordeiro de Deus"*, que liberta das escravidões e carrega as dores e culpas da multidão.

A primeira negação de Pedro (18, 15-18)

15 *Simão Pedro seguia Jesus, com outro discípulo. Este discípulo era conhecido do sumo-sacerdote e entrou com Jesus no pátio do sumo-sacerdote;* 16 *Pedro, porém, ficou fora, à porta. O outro discípulo – que era conhecido do sumo-sacerdote – saiu, falou com a porteira e fez Pedro entrar.*

- Pedro segue Jesus, mas o seu caminho é diferente e divergente: durante a ceia, prometera dar a vida por ele, mas Jesus preveniu-o da sua inconsistência. Quando Jesus foi preso, Pedro quer morrer de armas na mão.

- Segundo a tradição, o *"outro discípulo"*, ou *"discípulo amado"*, um dos dois primeiros discípulos, na ceia, (junto à cruz), na visita ao túmulo, no encontro à beira do lago.

- A ligação entre Pedro e o discípulo amado: ligação e distinção. Pedro: o discípulo que se vai construindo com quedas e erros. O discípulo amado: modelo do verdadeiro discipulado de Jesus.

- O “outro discípulo” *“entrou com Jesus no pátio do sumo-sacerdote”* e vem buscar Pedro que ficara fora e continuará a aquecer-se junto com os soldados.

17 *Então, a jovem porteira disse a Pedro: Tu não és também um dos discípulos desse homem? Disse ele: Não sou.* 18 *Os servos e os guardas tinham feito um braseiro e estavam ali, de pé, a aquecer-se, porque estava frio. Pedro ficou também com eles a aquecer-se.*

- A pergunta da porteira coloca Pedro diante da necessidade de decidir a sua identidade perante Jesus: *"Tu não és também um dos discípulos desse homem?"* E ele fraqueja: *"não sou"*, em contraste com o *"Eu sou"* de Jesus.

- Pedro junto ao *"braseiro"*, dos soldados. Depois da ressurreição, Jesus prepara um braseiro e Pedro terá ocasião de reiterar três vezes o seu amor e compromisso de pastor (21,1ss).

- Tema crucial é a violência: o discípulo amado segue Jesus, vítima da violência. Pedro, quer defender o Messias pela violência, aquece-se junto (com a mesma mentalidade) daqueles que vão dar a morte a Jesus.

Interrogatório de Jesus (18, 19-24)

19 *Entretanto, o sumo-sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e do seu ensinamento.* 20 *Respondeu-lhe Jesus: Eu falei abertamente ao mundo; sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde se reúnem todos os judeus e nada disse em segredo.* 21 *Porque me interrogas? Interroga os que ouviram o que lhes disse; vê, eles sabem o que eu disse.* 22 *Quando disse isto, um dos guardas, que estava ali, deu uma bofetada a Jesus, dizendo: É assim que respondes ao sumo-sacerdote?.* 23 *Retorquiu-lhe Jesus: Se falei mal, demonstra onde está o mal; mas, se falei bem, porque me bates?.* 24 *Então Anás enviou-o manietado a Caifás, o sumo-sacerdote.*

- Contraste entre Jesus dando testemunho *"dentro"* e Pedro que nega ser discípulo: *"fora"*.

- Não é um verdadeiro processo. A sentença de morte já fora proferida: *"Assim, a partir desse dia, tomaram a decisão de dar-lhe a morte"* (11,47-53). As causas são apenas de estratégia política e de razão de estado, que passa por cima da justiça e do direito.

- Jesus não responde. Está acima do tribunal e das suas questões. A sua mensagem é clara e pública, dirigida a todos, independentemente dos tribunais humanos. Jesus não se impõe pela força e não a teme: *“vós pretendeis matar-me, a mim, um homem que vos comunicou a verdade que recebi de Deus”* (8,40). Condenando-o, o tribunal desclassifica-se pois deveria ter a verdade como a base das suas decisões. Em nome de Deus, o tribunal condena e entrega à morte o seu Filho.

- A condenação de Jesus é a condenação do tribunal e dos seus pressupostos. Na realidade, o tribunal não produz nenhuma acusação; apenas “entrega” Jesus ao tribunal romano, renegando ser aquele que faz justiça ao povo, em nome de Deus.

Segunda e terceira negação de Pedro (18, 25-27)

25 *Simão Pedro continuava de pé a aquecer-se. Disseram-lhe então: Não és, também tu, um dos seus discípulos? Ele negou e disse: Não sou.* 26 *Disse um dos servos do sumo-sacerdote, familiar daquele a quem Pedro cortara a orelha: Não te vi eu no jardim com Ele?* 27 *Pedro negou de novo, e logo um galo cantou.*

- Enquanto Jesus dava testemunho, Pedro continuava *"a aquecer-se"* no braseiro dos soldados e preso à sua lógica de violência, embora em sentido contrário. O seu distanciamento de Jesus acaba por reconfirmar-se com uma dupla negação.

- Só tem sentido dar a vida com Jesus, assumindo a mesma liberdade e confiança que vêm do Espírito de amor e de vida do Pai.

- O canto do galo, é a chamada à realidade e à palavra de Jesus: *"Em verdade, em verdade te digo: não cantará um galo, antes que me tenhas negado três vezes"*. Aceitando essa palavra, Pedro terá a oportunidade de fazer também uma tripla confissão de fé e de vida em Jesus e ao serviço da sua Igreja (21,15ss).

JESUS PERANTE O TRIBUNAL ROMANO

(18, 28-40)

14,28-32 Entrega de Jesus a Pilatos

28 *Levaram, então, Jesus, de Caifás para o pretório. Era de manhã cedo. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa.* **29** *Então Pilatos saiu ao encontro deles cá fora e disse: «Que acusação trazeis contra este homem?».* **30** *Eles responderam-lhe: «Se ele não fosse um malfeitor, não o teríamos entregado a ti».* **31** *Disse-lhes Pilatos: «Tomai-o vós e julgai-o segundo a vossa Lei». Disseram-lhe os judeus: «Não nos é permitido dar a morte a ninguém» –* **32** *assim se cumpria a palavra que Jesus dissera, indicando de que género de morte havia de morrer.*

Ge, N. (1890). *O que é a verdade? Jesus e Pilatos* [Óleo sobre tela]. Moscovo, Rússia; State Tretyakov Gallery.

18, 33-40 A realeza de Jesus

33 *Então Pilatos entrou de novo no pretório, chamou Jesus e disse-lhe: «Tu és o rei dos*
*judeus?». **34** Respondeu-lhe Jesus: «Tu dizes isso por ti mesmo, ou foram outros que te disseram*
*acerca de mim?». **35** Respondeu Pilatos: «Porventura sou eu judeu? O teu povo e os chefes dos*
*sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?». **36** Respondeu Jesus: «O meu reino não é*
deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que não
*fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não é daqui». **37** Disse-lhe, então, Pilatos: «Portanto,*
tu és rei?». Respondeu-lhe Jesus: «Tu o dizes: sou rei. Para isto eu nasci e para isto vim ao mundo:
*para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz». **38** Disse-lhe*
Pilatos: «O que é a verdade?». E tendo dito isto, saiu novamente ao encontro dos judeus e disse-
*lhes: «Eu não encontro nele culpa alguma. **39** Mas é vosso costume que eu vos liberte alguém na*
*Páscoa. Quereis que vos liberte o rei dos judeus?». **40** Gritaram, então, novamente, dizendo: «Esse*
não, mas Barrabás!». Ora, Barrabás era um salteador.

19, 1-8 Jesus escarnecido como rei

1 Pilatos tomou, então, Jesus e mandou açoitá-lo. 2 Os soldados, entrelaçaram uma coroa de espinhos, puseram-na na cabeça de Jesus e envolveram-no num manto de púrpura; 3 depois, aproximavam-se dele e diziam: «Salve, ó rei dos judeus!», e davam-lhe bofetadas.

4 Pilatos saiu novamente para fora e disse-lhes: «Eis que vo-lo trago aqui fora, para que saibais que não encontro nele culpa alguma». 5 Jesus saiu, então, para fora, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E Pilatos disse-lhes: «Eis o homem!». 6 Quando o viram, os chefes dos sacerdotes e os guardas gritaram, dizendo: «Crucifica-o! Crucifica-o!». Disse-lhes Pilatos: «Tomai-o vós e crucificai-o, pois eu não encontro nele culpa». 7 Responderam-lhe os judeus: «Nós temos uma Lei e, segundo a Lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus». 8 Quando Pilatos ouviu estas palavras, com mais medo ficou.

19, 9-16 Condenação do Jesus

9 Entrou de novo no pretório e disse a Jesus: «De onde és Tu?». Mas Jesus não lhe deu resposta. 10 Disse-lhe, então, Pilatos: «Não me falas? Não sabes que tenho poder para te libertar e tenho poder para te crucificar?». 11 Respondeu-lhe Jesus: «Não terias poder algum contra mim, se não te tivesse sido dado do alto. Por isso, quem me entregou a ti tem maior pecado». 12 A partir desse momento, Pilatos procurava libertá-lo, mas os judeus gritaram, dizendo: «Se o libertares, não és amigo de César; todo aquele que se faz rei opõe-se a César».

13 Então Pilatos, ao ouvir estas palavras, levou Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Lajedo, em hebraico «Gabbatá». 14 Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta da hora sexta. E disse aos judeus: «Eis o vosso rei». 15 Mas eles gritaram: «Fora! Fora! Crucifica-o!». Disse-lhes Pilatos: «Crucificarei o vosso rei?». Responderam os chefes dos sacerdotes: «Não temos rei senão César». 16 Então Pilatos entregou-lhes Jesus para ser crucificado.

- Cenas alternadas de diálogos de Jesus com o procurador dentro, no pretório, e de diálogos do procurador com as autoridades e populares judeus, no pátio (Gabbatá).

- Tematicamente, podemos distinguir 4 unidades, cada uma com uma cena de Jesus a sós com Pilatos no interior e outra no pátio com os chefes e a multidão por eles convocada:

18,28-40	*Entrega de Jesus a Pilatos*
18,33-40	*A realeza de Jesus*
19,1-8	*Jesus escarnecido como rei*
19,9-16a	*Condenação de Jesus*

- Jesus responde ao procurador, mas não diretamente às suas perguntas. Não se defende, mas exprime a liberdade e coerência que revelara perante a autoridade judaica e expõe o que é fundamental para entender a sua atitude e testemunhar o projeto do Pai.

- Torna-se ainda mais claro que não existe uma causa acusatória para a pena de morte. Mas, também Pilatos, por razões políticas, acaba por determinar a morte de Jesus.

Entrega de Jesus a Pilatos (18, 28-32)

28 *Levaram, então, Jesus, de Caifás para o pretório. Era de manhã cedo. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa.*

- A pressa das autoridades judaicas revela a importância que atribuem ao caso e aproveitam a oportunidade de apresentá-lo a quem tinha o poder de condenar à morte.

- Era a véspera da Páscoa. A partir do meio-dia, seriam imolados os cordeiros no templo. Por questões de pureza legal, os judeus não podiam entrar em casas de pagãos.

- Relacionamento complicado entre as autoridades judaicas e os representantes do império romano: animosidade e conivência de interesses. No processo de Jesus esse jogo político está bem em evidência. O uso da “coorte” romana foi já um dado importante de colaboração interesseira entre as duas partes.

29 *Então Pilatos saiu ao encontro deles cá fora e disse: Que acusação trazeis contra este homem?* 30 *Eles responderam-lhe: Se ele não fosse um malfeitor, não o teríamos entregado a ti.* 31 *Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós e julgai-o segundo a vossa Lei. Disseram-lhe os judeus: Não nos é permitido dar a morte a ninguém –* 32 *assim se cumpria a palavra que Jesus dissera, indicando de que género de morte havia de morrer.*

- A vinda de Pilatos *"cá fora"* é uma condescendência para com a mentalidade judaica. A primeira acusação classifica Jesus como *"malfeitor"*, um operador de mal. O Sinédrio tinha reconhecido que Jesus operava muitos sinais (11,47), mas esse operar libertador é perigoso e um crime (fazer o mal).

- Pilatos pretende que seja a autoridade judaica a julgar *"segundo a vossa lei"*. Mas eles vieram pedir a morte de Jesus e: *"não nos é permitido dar a morte a ninguém"*. Como dizia Nicodemos, não poderiam condená-lo num processo formal segundo a lei judaica (7,51).

- Jesus sabia que o contraste com as autoridades ia levar à oposição feroz e à sua morte violenta. Mas que esse era o caminho para a revelação do projeto de Deus que libertasse o homem da violência e da morte.

- Também aqui Jesus se revela como Senhor da situação. A sua comparência diante de Pilatos, faz parte do projeto de Deus, expondo a maldade do processo e revelando o amor de Deus.

- A implicação de judeus e pagãos no processo torna claro que a responsabilidade e o benefício da morte de Jesus não têm caráter étnico. A sua morte não será *"apenas pelo povo [de Israel], mas para reunir todos os filhos de Deus dispersos"* (11,52).

A realeza de Jesus (18, 33-40)

33 *Então Pilatos entrou de novo no pretório, chamou Jesus e disse-lhe: Tu és o rei dos judeus?* 34 *Respondeu-lhe Jesus: Tu dizes isso por ti mesmo, ou foram outros que te disseram acerca de mim?* 35 *Respondeu Pilatos: Porventura sou eu judeu? O teu povo e os chefes dos sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?* 36 *Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que não fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não é daqui.*

- Pilatos interroga Jesus sobre a acusação subjacente a todo o processo, interpretado em termos políticos: *"Tu és o rei dos judeus?".*

- O verdadeiro título messiânico é *"Rei de Israel"*, proclamado por Nataniel (1,49) e aclamado pela multidão (12,13). Provavelmente o título de rei não preocupava o procurador, pois o entendia como uma questão religiosa interna dos judeus.

- Jesus responde com outra pergunta sobre o sentido que Pilatos dá à palavra “rei”: *“dizes isso por ti mesmo, ou foram outros que te disseram de mim?”* Pilatos insiste: não lhe interessam os títulos, mas as atividades de Jesus: *“Que fizeste?”.*

- Jesus não responde diretamente: *“O meu reino não é deste mundo”*. Não é concorrente do império.

- O termo “reino” pode assumir 3 sentidos:
  a) com um sentido espacial-geográfico (o reino de Israel);
  b) como uma realidade social, identitária e espiritual (realeza, senhoria);
  c) como a realização plena do projeto de Deus (o reino escatológico, na plenitude de Deus).

- Aqui são as duas últimas interpretações que estão em causa. Jesus não diz que esta sua realeza não está presente no mundo, mas sim que não é realizada ao modo do mundo.

- E a primeira consequência é que não se apoia nem se impõe pela força militar: *"Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que não fosse entregue aos judeus"*.

- Este tinha sido sempre um princípio de Jesus, que também Pedro e os discípulos tinham ainda dificuldade em entender (18,10s). Qualquer uso da violência para construir ou manter o seu reino perverte-o radicalmente.

37 *Disse-lhe, então, Pilatos: Portanto, tu és rei? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes: sou rei.*
Para isto eu nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele
que é da verdade escuta a minha voz. 38 *Disse-lhe Pilatos: O que é a verdade?*

- Pilatos insiste: *"Portanto, tu és rei?"*. A resposta de Jesus – *"Tu o dizes"* – pode ter várias traduções:
  - *a) "Tu é que dizes que eu sou rei. (Mas) para isto eu nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade"*.
  - *b) "(Sim) tu o dizes! Para isto eu nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz"*.

- A realeza de Jesus não é simplesmente humana e terrestre, mas tem outra origem: *“vim ao mundo”*. O seu objetivo não é impor-se ou subjugar e dominar, mas *“dar testemunho da verdade”*, isto é, revelar, propor o projeto verdadeiro e fiel de Deus, de dar a vida.

- O império move-se da ânsia de dominar e viver à custa dos outros povos. As autoridades judaicas perverteram o dom Deus e subjugam a verdade aos seus interesses. Jesus vem “do Alto” e pode dar testemunho da autenticidade-verdade do Pai.

- Pilatos não está interessado no discurso de Jesus. Parece-lhe inofensivo e insignificante para o seu mundo. Encerra o diálogo com uma pergunta retórica: *“O que é a verdade?”*

E tendo dito isto, saiu novamente ao encontro dos judeus e disse-lhes: Eu não encontro nele culpa alguma. 39 *Mas é vosso costume que eu vos liberte alguém na Páscoa. Quereis que vos liberte o rei dos judeus?* 40 *Gritaram, então, novamente, dizendo: Esse não, mas Barrabás!. Ora, Barrabás era um salteador.*

- Pilatos, convencido da inocência de Jesus, vai ter com os judeus e propõe-lhes libertar Jesus, segundo o costume de mandar livre, pela Páscoa, um prisioneiro pedido pelo povo.

- Mas a proposta é rejeitada. Outro nome, Barrabás, é apresentado: um salteador. Manipulação da justiça e dos valores, para assegurar o poder.

Jesus escarnecido como rei (19, 1-8)

(Mt 27,26-31; Mc 15,15-20)

1 *Pilatos tomou, então, Jesus e mandou açoitá-lo.* 2 *Os soldados, entrelaçaram uma coroa de espinhos, puseram-na na cabeça de Jesus e envolveram-no num manto de púrpura;* 3 *aproximavam-se dele e diziam: Salve, ó rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas.*

- Pilatos manda açoitar Jesus, embora o considere inocente. Normalmente, esta tortura era aplicada aos condenados à cruz, depois da sentença. Pilatos inflige-a antes, possivelmente para tentar apaziguar a multidão.

- Os soldados tinham o hábito de divertir-se barbaramente com os condenados. Coroa de espinhos, manto, vara, vénias e bofetadas são parte do escárnio da realeza que Jesus proclamara.

- Jesus não protesta. É vítima do poder violento e assassino, como diz o profeta Isaías: *“O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido, mas não abriu a boca; como um cordeiro, foi levado ao matadouro e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca”* (Is 53,6s).

- João é muito sóbrio sobre a descrição. Não pretende suscitar compaixão, mas mostrar o paradoxo do sistema de violência que leva à orgia da brutalidade e da morte. Desprezando os adereços do poder violento e cruel, Jesus afirma a superioridade do amor, que revela a glória da vida e a possibilidade de um mundo diferente.

4 *Pilatos saiu novamente para fora e disse-lhes: Eis que vo-lo trago aqui fora, para que saibais*
que não encontro nele culpa alguma. 5 *Jesus saiu, então, para fora, trazendo a coroa de*
espinhos e o manto de púrpura. E Pilatos disse-lhes: Eis o homem! 6 *Quando o viram, os chefes*
dos sacerdotes e os guardas gritaram, dizendo: Crucifica-o! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos:
Tomai-o vós e crucificai-o, pois eu não encontro nele culpa. 7 *Responderam-lhe os judeus: Nós*
temos uma Lei e, segundo a Lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus. 8 *Quando Pilatos*
ouviu estas palavras, com mais medo ficou.

- Pilatos faz mais uma tentativa de libertar Jesus. Manda-o sair, com a coroa e o manto do escárnio real e é maltratado pelos soldados. E apresenta-o: *"Eis o Homem!"*. O significado desta exposição de Jesus é discutido.

- Esta apresentação de Jesus continua sobretudo a requerer que se pare diante dele e se pense.

- Na boca de Pilatos, Jesus é um rei sem valor, que se deixou apanhar e escarnecer. Não tem autoridade nem constitui perigo: é apenas um homem. Nele o império do poder e da violência já descarregou toda a força coerciva e humilhante, reduzindo-o à insignificância humana.

- Na perspetiva do Evangelho, essa insignificância é que é importante e decisiva. O Verbo assumiu a mais a absoluta insignificância na humilhação e sofrimento humanos. Isto é o que este sistema de poder sabe fazer ao “Homem”, ao ser humano.

- Essa imagem degradada de ser humano é que o Homem-Jesus vem assumir e recriar à imagem de Deus. Neste Homem, Filho de Deus, revela-se o verdadeiro poder de compadecer-se, de assumir as dores dos outros, de resgatar uma humanidade insensível e autocentrada. Este Homem é dado, mostrado a todos.

- As suas feridas, o seu sangue e os burlescos trajes são indumentos de misericórdia, que brotam como flor no meio de uma fétida e imunda puçanga. Este é o Homem Novo, imagem do amor do Pai e da força regeneradora do seu Espírito.

- A imagem torturada de Jesus não suscita compaixão. Pedem com alarido a cruz e a morte.

- Soa a acusação clara para os judeus, a blasfémia: *"Nós temos uma Lei e, segundo a Lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus"*. Esta é a razão formal pela qual os chefes o entregaram a Pilatos.

- O procurador ficou com medo. Os chefes têm medo de Jesus e da sua ascendência sobre o povo, o representante do império tem medo dos chefes… Só Jesus não deu sinais de medo.

Condenação de Jesus (19, 9-16a)

9 *Entrou de novo no pretório e disse a Jesus: De onde és Tu? Mas Jesus não lhe deu*
resposta. 10 *Disse-lhe, então, Pilatos: Não me falas? Não sabes que tenho poder para te*
libertar e tenho poder para te crucificar? 11 *Respondeu-lhe Jesus: Não terias poder algum*
contra mim, se não te tivesse sido dado do alto. Por isso, quem me entregou a ti tem maior
pecado. 12 *A partir desse momento, Pilatos procurava libertá-lo, mas os judeus gritaram,*
dizendo: Se o libertares, não és amigo de César; todo aquele que se faz rei opõe-se a César.

- Pela última vez, Pilatos confronta-se com Jesus a sós no pretório, mas ele não responde. Quem está a ser julgado é o tribunal e o sistema condenatório, tanto das autoridades romanas como judaicas. O tribunal revela-se como uma tentativa de afastar o medo.

- Pilatos acha que tem poder: *“tenho poder para te libertar e tenho poder para te crucificar”*, Jesus não aceita. Ele é o único que é livre, porque só tem um Senhor: não é desta terra, não humilha ninguém, é “do Alto”: *“Não terias poder algum contra mim, se não te tivesse sido dado do Alto”*.

- Pilatos procura livrar Jesus. Mas ouve o argumento mais sensível para o seu poder e a sua carreira, a acusação em termos políticos: *“Se o libertares, não és amigo de César; todo aquele que se faz rei opõe-se a César”*.

- Então, o sistema revela toda a sua injustiça, corrupção e maldade. Não está em vista da justiça “do alto”, nem o valor de “o Homem”, mas dos jogos mesquinhos e corruptos do poder humano, efémero, destruidor e assassino.

13 *Então Pilatos, ao ouvir estas palavras, levou Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Lajedo, em hebraico "Gabbatá".* 14 *Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta da hora sexta. E disse aos judeus: Eis o vosso rei.* 15 *Mas eles gritaram: Fora! Fora! Crucifica-o!. Disse-lhes Pilatos: Crucificarei o vosso rei? Responderam os chefes dos sacerdotes: Não temos rei senão César.* 16 *Então Pilatos entregou-lhes Jesus para ser crucificado.*

- Finalmente Pilatos faz por assumir a função de juiz e *"sentou-se no tribunal"*, para dar a sentença. Na realidade, já abdicou da sua função de julgar, devido ao interesse próprio, ao medo dos chefes judaicos e dos seus chefes. Isso invalida o seu veredicto.

- João termina com a imagem da demissão total da justiça humana, na atitude de Pilatos: *"entregou-lhes Jesus para que fosse crucificado"*.

- Os chefes judaicos revelam-se também a sua corrupção. Deveriam ser instrumentos do poder “do Alto”, mas venderam-se ao próprio poder. Colocaram-se no lugar de Deus e mataram o Filho do proprietário da vinha (cf. Mc 12,12 e Par.).

- A cadeia de responsabilidades na “entrega” de Jesus começa no próprio grupo de Jesus, na sua comunidade: Judas, negação covarde dos discípulos, judeus, chefes, romanos… Todos estão implicados e todos dele recebem nova vida e oportunidade.

- Ao longo da história, muitos cristãos, pretensamente em nome de Jesus participaram em processos que usaram estes textos para perseguir, humilhar, torturar e assassinar multidões de Judeus. É a maior blasfémia que se pode conceber! Esse Homem humilhado e sofredor continua a dizer a Pedro e a todo o ser humano: *“Mete a espada na bainha”*.

- Mas outra melodia se sente por detrás desta orgia de violência, corrupção e morte. João sugere uma leitura nova de todo o processo: *“Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta da hora sexta”*, isto é, pelo meio-dia, quando se imolavam no templo os cordeiros para celebrar a Páscoa.

- Era a festa por excelência dos judeus, agora, a Páscoa de Jesus. A paródia do poder, da dor e da morte, abre-se à lógica do Cordeiro que liberta da morte; do Servo que carrega as culpas e dores da multidão; do Filho de Deus, que se assumiu como Filho do Homem, para revelar o amor poderoso do Pai.

CRUCIFICAÇÃO, MORTE E SEPULTURA DE JESUS

(14,1-31)

(Mt 27,31.33.37s; Mc 15,20.22.25-27; Lc 23,33.38)

19,16b-24 Crucificação de Jesus

*Apoderaram-se, pois, de Jesus, **17** e carregando Ele mesmo a cruz, saiu para o chamado «Lugar da Caveira», que em hebraico se diz «Gólgota», **18** onde o crucificaram, e, com Ele, outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.*

__19__ Pilatos escreveu também um letreiro e colocou-o sobre a cruz; estava escrito: «Jesus, o nazareno, o rei dos judeus». __20__ Muitos dos judeus leram este letreiro, porque o lugar onde Jesus foi crucificado era perto da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. __21__ Diziam, então, a Pilatos os chefes dos sacerdotes dos judeus: «Não escrevas: "O rei dos judeus", mas que Ele disse: "Sou rei dos judeus"». __22__ Respondeu Pilatos: «O que escrevi, escrevi».

__23__ Então os soldados, depois de crucificarem Jesus, tomaram as suas vestes e fizeram quatro partes – uma parte para cada soldado – e tomaram também a túnica. A túnica era sem costura, tecida num todo, de alto a baixo. __24__ Disseram, então, uns aos outros: «Não a rasguemos, mas tiremos à sorte quem ficará com ela»; isto para que se cumprisse a Escritura, que diz: Dividiram as minhas vestes entre si e sobre a minha túnica lançaram sortes. Ora, foi o que fizeram os soldados.

19,25-27 *Jesus e a nova comunidade: a Mãe e o discípulo amado*

(Mt 27,55s; Mc 15,40s; Lc 23,49)

25 *Junto à cruz de Jesus, estavam de pé a sua Mãe, a irmã da sua Mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.* **26** *Então Jesus, ao ver a Mãe e, próximo, o discípulo que amava, disse à Mãe: «Mulher, eis o teu filho».* **27** *Depois disse ao discípulo: «Eis a tua Mãe». E, a partir daquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa.*

Rubens, PP. (1619-1620). *Jesus é crucificado* [Óleo sobre madeira]. Antuérpia, Bélgica; Museu Real de Belas Artes de Antuérpia.

19,28-30 Jesus morre na Cruz *(Mt 27,48-50; Mc 15,36s; Lc 23,46)*

28 *Depois disto, sabendo Jesus que já tudo estava consumado, para que fosse consumada a*
Escritura, disse: «Tenho sede!». **29** *Estava ali um vaso cheio de vinagre; pondo, então, uma*
esponja cheia de vinagre num ramo de hissopo, levaram-lha à boca. **30** *Quando tomou o*
vinagre, Jesus disse: «Está consumado!». E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

19,31-37 O Sangue e a água, dom do Espírito para a humanidade nova

31 *Os judeus, visto que era a Preparação, para que os corpos não permanecessem na cruz*
durante o sábado – era um grande dia o daquele sábado –, pediram a Pilatos que lhes
quebrassem as pernas e fossem retirados. **32** *Vieram, então, os soldados e quebraram as pernas*
do primeiro e do outro que tinha sido crucificado com ele. **33** *Mas, ao chegar a Jesus, como o*
viram já morto, não lhe quebraram as pernas. **34** *No entanto, um dos soldados trespassou-lhe o*
lado com uma lança; e saiu imediatamente sangue e água.

35 *Aquele que viu dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a*
verdade, para que também vós acrediteis. **36** *De facto, estas coisas aconteceram para que se*
cumprisse a Escritura: Nenhum osso lhe será quebrado. **37** *E outra passagem da Escritura diz*
ainda: Olharão para aquele que trespassaram.

19,38-42 Sepultura de Jesus

(Mt 27,57-61; Mc 15,42-47; Lc 23,50-56)

38 *Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus – embora em segredo, por medo dos judeus –, pediu a Pilatos para retirar o corpo de Jesus. Pilatos permitiu-lho. Veio, então, e retirou o seu corpo.* **39** *Veio também Nicodemos, o que anteriormente tinha ido ter com Jesus de noite, trazendo uma mistura de mirra e aloés, de quase cem libras.* **40** *Tomaram, então, o corpo de Jesus e envolveram-no em ligaduras de linho, juntamente com os aromas, tal como entre os judeus é costume sepultar.* **41** *Ora, no lugar onde tinha sido crucificado, havia um jardim, e no jardim um sepulcro novo, no qual ainda ninguém tinha sido posto.* **42** *Foi aí, por causa da Preparação dos judeus, porque o sepulcro ficava perto, que puseram Jesus.*

Bouts, D. (1450). *O sepultamento de Jesus* [Têmpera em linho]. Londres; Galeria Nacional.

Crucifixão de Jesus (19, 16b-22)

Apoderaram-se, pois, de Jesus, 17 *e carregando Ele mesmo a cruz, saiu para o chamado "Lugar da Caveira", que em hebraico se diz "Gólgota",* 18 *onde o crucificaram, e, com Ele, outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.*

- *"Apoderaram-se, pois, de Jesus"* (os soldados romanos). A ação deixou de ser só judaica. Tem expressão universal, na responsabilidade da morte e nos seus efeitos salvíficos.

- Descrição sóbria, sem apelar ao sentimento, e focalizando em aspetos simbólicos importantes para o projeto de João. Sublinha a liberdade e conhecimento de Jesus.

- Foram crucificados *"outros dois"* junto com Jesus, à direita e à esquerda, ficando ele *"no meio"*. Não têm nome. São pessoas representativas da humanidade, no meio da qual o Verbo veio habitar. No meio dela levanta-se uma cruz que transforma o sentido das cruzes.

19 *Pilatos escreveu também um letreiro e colocou-o sobre a cruz; estava escrito: “Jesus, o nazareno,*
o rei dos judeus”. 20 *Muitos dos judeus leram este letreiro, porque o lugar onde Jesus foi crucificado*
era perto da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. 21 *Diziam, então, a Pilatos os chefes*
dos sacerdotes dos judeus: Não escrevas: "O rei dos judeus", mas que Ele disse: "Sou rei dos
judeus". 22 *Respondeu Pilatos: O que escrevi, está escrito.*

- *“Pilatos escreveu um letreiro”* (titlon) que colocou sobre a cruz: *“Jesus, o nazareno, o rei dos judeus”*. Apesar dos protestos, Pilatos mantém o título: *“O que escrevi, está escrito”*.

- Vontade de contrariar as autoridades e mostrar a eficácia do poder repressor do império.

- Para João, há algo de mais importante: diálogo de Jesus com Pilatos e a burla dos soldados. Iniquidade do rei-tirano e a verdadeira realeza de Jesus, Bom Pastor, que dá a vida pelas suas ovelhas.

- O letreiro *“estava escrito em hebraico, latim e grego”* as línguas faladas localmente e no império: significado universal da morte de Jesus para toda a humanidade.

Repartição das vestes de Jesus (19, 23-24)

23 *Então os soldados, depois de crucificarem Jesus, tomaram as suas vestes e fizeram quatro partes – uma parte para cada soldado – e tomaram também a túnica. A túnica era sem costura, tecida num todo, do alto a baixo.* 24 *Disseram, então, uns aos outros: Não a rasguemos, mas tiremos à sorte quem ficará com ela»; isto para que se cumprisse a Escritura, que diz: Dividiram as minhas vestes entre si e sobre a minha túnica lançaram sortes. Ora, foi o que fizeram os soldados.*

- Costume romano ligado às execuções e interpretação simbólica de João: *"Dividiram as minhas vestes entre si e sobre a minha túnica lançaram sortes"* (Sl 22,9).

- Sentido cristológico, referido ao ser mesmo de Jesus e da sua missão, e sentido eclesiológico, referente à Igreja.

- O **MANTO** é expressão do ser pessoal, mas igualmente da função. Em Jesus, é expressão do seu dom total ao serviço dos homens. É dividido em quatro (os pontos cardeais): a morte de Jesus tem valor universal.

- O manto como “herança de Jesus”: amor até ao dom da vida, para revestir e caraterizar aqueles a quem chega a ação do crucificado.

- A **TÚNICA**: veste interna e pessoal e indivisível (sem costura). Em Jesus a unidade entre Filho de Deus e Filho do Homem, são o segredo do seu ser e da sua missão salvadora: *“era sem costura, tecida num todo, do alto a baixo”*.

- Na leitura eclesial, o MANTO-HERANÇA realça a diversidade e universalidade dos povos que constituem a Igreja. A TÚNICA-HERANÇA alude ao corpo-Igreja na sua unidade pelo Espírito do Senhor levantado e glorificado.

A nova comunidade: a Mãe e o discípulo amado
(19, 25-27)

25 *Junto à cruz de Jesus, estavam de pé a sua Mãe, a irmã da sua Mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria*
Madalena. 26 *Então Jesus, ao ver a Mãe e, próximo, o discípulo que amava, disse à Mãe: "Mulher, eis o*
teu filho". 27 *Depois disse ao discípulo: "Eis a tua Mãe". E, a partir daquela hora, o discípulo recebeu-a em*
sua casa.

- Cena exclusiva do quarto evangelho. Entende-se em relação com a *"Hora"* anunciada desde a Bodas de Caná. Aí Maria é chamada *"Mulher"*, como aqui.

- Em Caná: *"ainda não chegou a minha hora"* (2,4).

- A Nicodemos: *“É necessário que o Filho do Homem seja levantado, a fim de que todo aquele que acredita nele tenha a vida eterna”* (3,14s).

- *“quando for levantado da terra, atrairei todos a mim”* (12,32).

- Junto à cruz, a *“sua Mãe”*, não é apenas a Maria de Nazaré, mas o resto fiel da promessa a Abraão e da Aliança do Sinai. É chamada *“Mulher”*, na linha da criação, pois será a *“Mãe”* da nova humanidade (dos discípulos).

- O *“discípulo amado”* é o discípulo-modelo fiel e representante de todos os discípulos, da nova comunidade que nasce nesta “hora” da manifestação da glória de Deus em Jesus.

- Do alto da cruz, Jesus *“vê”*, isto é, dá sentido à nova realidade: o povo eleito da história e a nova comunidade dos seus discípulos convergem numa nova casa: *“Mulher, eis o teu filho… Eis a tua Mãe”*.

- *“A partir daquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa”*. A Casa de David transforma-se e alarga-se (2Sm 7,1ss). A nova casa e a nova descendência é a casa do discípulo, a comunidade de Jesus. A nova comunidade não é uma substituição, mas o cumprimento e alargamento da primeira casa.

- A figura feminina de Maria e das outras mulheres junto à cruz, com o discípulo amado, é fundamental no ser da Igreja que está a começar. São as/os que permaneceram fiéis.

Jesus morre na Cruz (19, 28-30)

28 *Depois disto, sabendo Jesus que já tudo estava consumado, para que fosse consumada a Escritura, disse: "Tenho sede!".* 29 *Estava ali um vaso cheio de vinagre; pondo, então, uma esponja cheia de vinagre num ramo de hissopo, levaram-lha à boca.*

- Jesus tem consciência de tudo o que o pai lhe dera para realizar: *"tudo tinha sido consumado"*. A hora da cruz faz parte do cumprimento do projeto de Deus.

- Havia ainda uma Escritura para cumprir. Por isso disse: *"Tenho sede"*. Referências no evangelho:
  a) Com a mulher de Samaria: *"a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água brotando para a vida eterna"* (Cap.4)
  b) Na festa das tendas: *"Se alguém tem sede, venha a mim, e beba quem crê em mim! Como diz a Escritura, do seu seio brotarão rios de água viva. Disse isto referindo-se ao Espírito que iam receber os que acreditam nele."* (7,37-39).
  c) A Nicodemos: necessidade de *"nascer de novo/do Alto"…"quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus"* (3,5).

- Em resposta, os soldados oferecem a Jesus vinagre: *“Por comida, deram-me fel e na minha sede vinagre”* (Sl 68,22). Alusão a Caná.

- O *“ramo de hissopo”* e o sangue do cordeiro pascal (Ex 12,22).

- A sede que Jesus é a sede de dar a água viva. Não é um detalhe da Escritura, mas a dimensão fundamental do ser e da missão de Jesus: dar o Espírito.

30 *Quando tomou o vinagre, Jesus disse: “Está consumado!”. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.*

- Depois de anunciar o dom do Espírito Jesus pode clamar: *“Está consumado!”* e concluir a sua missão: *“inclinando a cabeça, entregou o espírito”*.

- *“Inclinando a cabeça”* como alusão ao sono? (o Filho do Homem não tem uma pedra onde apoiar a cabeça). Foi assim que Jesus falou da morte de Lázaro.

- *“Entregou o Espírito”*: não é o mesmo “expirar, “morrer” ou “deixar o espírito”. Importância no evangelho: “entregar-dar” e “entregar-trair”.
  a) Jesus entrega o seu espírito/vida nas mãos do Pai: regressa ao Pai, como tinha prometido.: *“glorifica-me tu, Pai, junto de ti, com a glória que tinha junto de ti, antes de o mundo existir”* (17,5).
  b) Jesus entrega o Espírito à sua comunidade: o dom supremo Jesus de junto do Pai: *“É melhor para vós que eu vá, pois, se não for, o Paráclito não virá a vós; mas, se for, enviá-lo-ei a vós”* (16,7).

- Esta é a glorificação de Jesus e do Pai: o dom do Espírito Santo que sacia a sede de vida e transforma a pessoa, gera a Igreja e transforma o mundo.

- Este é o *“nascer de novo”* ou *“nascer do alto”*, tornado possível porque o Filho do Homem foi levantado.

- É a *“hora”* prometida desde Caná: a revelação do Homem Novo ao sexto dia.

- Para João, a morte, ressurreição, ascensão de Jesus e o Pentecostes, têm um momento comum, que é a glorificação de Jesus junto do Pai e o dom do Espírito Santo que gera a Igreja.

O sangue e a água, dom do Espírito para a Igreja, humanidade nova (19, 31-37)

31 *Os judeus, visto que era a Preparação, para que os corpos não permanecessem na cruz durante o sábado – era um grande dia o daquele sábado –, pediram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e fossem retirados.* 32 *Vieram, então, os soldados e quebraram as pernas do primeiro e do outro que tinha sido crucificado com ele.*

- Texto exclusivo de João. A festa da Páscoa, à hora em que continuavam a ser imolados os cordeiros no templo. A permanência dos corpos na cruz era incompatível, do ponto de vista da pureza ritual.

- Pedido dos judeus a Pilatos para abreviar a morte, partindo as pernas aos condenados, para morrerem sufocados.

- Como em Caná, a questão não é de pureza ritual, mas de vida e de amor (2,1-11).

  a) A festa judaica vai ter início, mas está vazia: a nova Páscoa já aconteceu.

  b) O Cordeiro da libertação já foi imolado.

  c) O templo, foi substituído pelo templo do seu corpo (2,12-22).

- Os soldados executaram a ordem nos dois condenados ao lado de Jesus, mas não partiram as pernas a Jesus.

33 *Mas, ao chegar a Jesus, como o viram já morto, não lhe quebraram as pernas.* 34 *No entanto, um dos soldados trespassou-lhe o lado com uma lança; e logo saiu sangue e água.*

- O golpe de lança tem dois significados.
  a) **Constatar a morte de Jesus:** Ele deu a vida como Bom Pastor (10,11). Está concluído o dom voluntário e livre da vida. Dom do Pai em Jesus. O dom do Alto. Para isso é que ele foi elevado.
  b) **Revelar (fazer sair)** sangue e água do peito de Jesus, mostrando o dinamismo de vida que o habitou.

- O sangue derramado significa morte física. Para João é dom da vida de Jesus. Morrer como a maior prova de amor (15,13), como dom de si próprio do Pastor.

- O dom do sangue está ligado à humanidade de Jesus: o seu modo de ser homem, em estreita comunhão-obediência e revelação do projeto salvador de Deus.

- A água: sinal do Espírito renovador do Pai prometido para a *"Hora"*: *"Como diz a Escritura, do seu seio brotarão rios de água viva… Não havia ainda o Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado"* (7,37-39). Este é o momento do dom da água viva, do Espírito.

- Prólogo: *"Assim, da sua plenitude, todos nós recebemos graça sobre graça"* (1,16).

- Profecia de Ezequiel 47, que vê as águas saírem do templo e gerar vida por onde quer que passem. O Novo Templo onde se adora Deus em Espírito e verdade (4,23).

- O sangue e a água, a humanidade e a filiação divina de Jesus, criam uma nova realidade, no seguimento da palavra de Jesus, em casa do discípulo amado (19,25-27).

- As quatro mulheres, entre as quais a mãe de Jesus, e o discípulo amado, são as/os primeiras/os a receber a revelação e o dom que é destinado a toda a Igreja.

- Este é o momento da Glorificação de Jesus, do nascimento da Igreja, no dom por excelência do Pai: o Espírito Santo.

- No seguimento dos comentários dos padres da Igreja, a espiritualidade cristã foi vendo nesta cena a revelação do Coração de Jesus, do qual brota a fonte da água da vida e do amor, que continua a dar vida à Igreja e ao mundo.

35 *Aquele que viu dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe*
que diz a verdade, para que também vós acrediteis. 36 *De facto, estas coisas aconteceram*
para que se cumprisse a Escritura: Nenhum osso lhe será quebrado. 37 *E outra passagem da*
Escritura diz ainda: Olharão para aquele que trespassaram.

- João considera importante esta revelação que dá sentido a todo o evangelho. Corrobora com o seu testemunho e dois testemunhos da Escritura.

- Assegura que viu e testemunha, dirigindo-se aos leitores para que acreditem em Jesus, nova fonte da água da vida.

- *“Nenhum osso lhe será quebrado”* (Ex 12,46; cf. Nm 9,12). Indicações para a preparação da ceia pascal, indicando: não se pode quebrar nenhum osso do cordeiro.

- Citação do profeta Zacarias: atenção num homem trespassado, representante da crise de Jerusalém, mas também esperança da restauração: *“derramarei sobre a casa de David e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de benevolência e de súplica. Eles contemplarão aquele a quem traspassaram; chorarão por ele como se chora um filho único e lamentá-lo-ão como se lamenta um primogénito”*.

- A esperança exprime-se em termos evocadores simbólicos: *“Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de David e para os habitantes de Jerusalém, para a purificação do pecado e da impureza”* (Zc 12,10); *“Naquele dia, de Jerusalém jorrarão águas vivas…”* (Zc 14,8s).

- As citações mostram um caminho de leitura das Escrituras de João e da primeira comunidade. Ler a Palavra de Deus do passado, para encontrar sentido e caminho para a vida de hoje.

- A essa comunidade e ao leitor, dirige-se o testemunho de João, para levar à fé-adesão à fonte da vida, nascida, revelada e acolhida junto à cruz de Jesus.

Sepultura de Jesus (19, 38-42)

38 *Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus – embora em segredo, por medo dos judeus – pediu a Pilatos para retirar o corpo de Jesus. Pilatos permitiu-lho. Veio, então, e retirou o seu corpo.*

- Dois homens importantes, que já tinham tido contatos com Jesus, movimentam-se para lhe dar sepultura. Denotam respeito por Jesus e coragem de se expor.

- José de Arimateia: discípulo de Jesus, mas *"em segredo, por medo dos judeus"*, como outros notáveis: *"Até entre os chefes, muitos creram nele, mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da Sinagoga, pois amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus"* (12,42s).

- José mostra coragem, pois corria riscos perante o procurador e os judeus.

39 *Veio também Nicodemos, o que anteriormente tinha ido ter com Jesus de noite, trazendo uma mistura de mirra e aloés, de quase cem libras.*

- Nicodemos: mais conhecido da narração, desde o encontro noturno com Jesus (cap. 3). Coragem e retidão para sair em defesa de Jesus (7,50s) e traz uma enorme quantidade de perfumes: cerca de 30 quilos.

- São os discípulos da noite, que não ficaram indiferentes e cujo futuro está em aberto.

40 *Tomaram, então, o corpo de Jesus e envolveram-no em ligaduras de linho, juntamente com os aromas, tal como entre os judeus é costume sepultar.* 41 *Ora, no lugar onde tinha sido crucificado, havia um jardim, e no jardim um sepulcro novo, no qual ainda ninguém tinha sido posto.* 42 *Foi aí, por causa da Preparação dos judeus, porque o sepulcro ficava perto, que puseram Jesus.*

- O ritual apressado da cerimónia fúnebre respeita, o modo de sepultar entre os judeus. Brevidade para conseguir realizar tudo a tempo da celebração da Páscoa.

- Mas a Nova Páscoa já tinha tido lugar no calvário, e começaria a revelar-se precisamente a partir do túmulo que eles tinham preparado como o fim da história de Jesus.

- O *sepulcro novo* denota a pressa e deferência para com Jesus. Possível significado simbólico: Jesus não inaugura simplesmente um sepulcro *“no qual ainda ninguém tinha sido posto”*.

- É um novo tipo de sepulcro onde não se fica fechado nem atado, mas que se abre à perspetiva da vida que não acaba, como Jesus revelara no túmulo de Lázaro e no Gólgota.

- O elemento do *“jardim”* onde estava o sepulcro é uma indicação que prepara o cenário para o encontro de Jesus ressuscitado com Maria Madalena.

Oração: Cristo trespassado pela lança

Bendito sejas, Senhor Jesus,
que te ofereceste obediente ao Pai,
para nos libertar da violência e do pecado
que destrói e corrompe a humanidade.

Bendito sejas Tu que tanto nos amaste
que ofereceste por nós a vida toda,
curando nossas feridas e nossas culpas,
contruindo em nós um mundo novo.

Bendito sejas pelo dom do teu Espírito
que brotou do teu peito trespassado,
para dar a tua vida à nossa vida,
homens e mulheres de coração novo.

Bendito sejas tu que nos envias,
com o teu Espírito, a todo o mundo
a dar a mão, a partilhar teu pão
para que nasça a nova humanidade.

Bendito sejas Tu que partilhaste
os nossos males e o nosso túmulo,
para fazer brilhar a luz do teu Espírito
no amor eterno do teu e nosso Pai.

Amem

Cântico:

Pai, eu Te adoro.

Te ofereço a minha vida.

Como eu Te amo.

Jesus Cristo…

Espírito Santo…

Trindade Santa…

FAÇA O SEU DONATIVO:

IBAN: PT58 8887 8888 8886 2275 1962 3

AJUDE-NOS A FAZER MELHOR

ENCONTROS COM JOÃO

LEITURA GUIADA DO EVANGELHO COM D. JOSÉ ORNELAS CARVALHO

Escultura de São João. Sacristia da Capela do Seminário de Almada